

---

- **LITERATURA COMPARADA II**

Coordenador(a): *Lúcia Granja*

---

**"O GRITO NA PONTE"**

*Raul Ignacio V. Arriagada (MACKENZIE)*

O presente trabalho visa fazer uma relação entre o texto de João Gilberto Noll, especificamente o livro "Lorde" e o quadro "O grito" do pintor Edvard Munch.

O estudo tem por objetivo destacar a solidão humana, o desespero e a frustração na comunicação. O paralelo entre ambas obras se constrói a partir dessas observações e de como cada artista reproduz, pela sua linguagem, essas características presentes no homem pós-moderno.

## **A ARTE NARRATIVA DE LUIZ VILELA REFAZ A HISTÓRIA DO CONTO**

*Rauer Ribeiro Rodrigues (UNESP)*

O conto literário ocidental tem, com o ensaio "A filosofia da composição", de Edgar Allan Poe, a sua certidão de nascimento. Publicado em 1845, o estudo apresenta a teoria do efeito único e define como superior esteticamente as narrativas curtas de grande impacto na alma do leitor. Novas etapas da arte do conto surgem, depois de Poe, nas obras de Maupassant, Tchekhov, Joyce, Kafka, Mansfield, Hemingway e Borges. O labor ficcional, as reflexões e a vida desses autores forjam o imaginário dos escritores subseqüentes. Na história do conto, por suas narrativas ou por teorizarem sobre o gênero, também são referências, entre outros, os escritores Machado de Assis, Villiers de L'Isle-Adam, Isaac Babel, Faulkner, Sartre, Maugham, Cortázar e Píglia. No Brasil, além do Bruxo do Cosme Velho, e para citar apenas alguns ficcionistas, ocupam lugar de realce as obras de Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Murilo Rubião e Clarice Lispector. A esses autores se deve acrescentar, devido a peculiar fatura estética da sua arte, os cronistas Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade e Fernando Sabino. "O escritor", para Ernest Hemingway, "deve sempre procurar algo que nunca foi feito antes ou que outros tentaram fazer mas fracassaram." Nosso objetivo nessa comunicação é mostrar que o ficcionista mineiro Luiz Vilela - ao imprimir e refazer na sua contística uma trajetória que dialoga com os autores fundamentais da história do conto - desenvolve na sua obra uma estrutura nova na tradição ocidental do conto literário.

## **A CRÍTICA E O TEATRO PORTUGUÊS NO JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO: 1903-1906**

*Fernanda Suelly Muller (USP)*

Neste trabalho pretendemos divulgar os primeiros resultados da pesquisa "Ruptura ou tradição? A crítica e a literatura portuguesa em O Estado de São Paulo no Pré-Modernismo brasileiro(1900-1911)", que tem por objetivo principal investigar as relações crítico-literárias entre a literatura nacional e a portuguesa, através das páginas desse importante periódico brasileiro. Na literatura brasileira, o Pré-Modernismo (1900-1922) representa um momento em que convivem, simultaneamente, as mudanças e as tradições. Destaca-se, nesse período, o jornal O Estado de S. Paulo (OESP) como um dos principais intermediadores da produção literária e da vida sócio-política paulista que, nesse momento transitório, recebe uma grande influência da cultura européia, principalmente da portuguesa, absorvendo-as de modo significativo. Na presente comunicação, abordaremos o tratamento do teatro português e a sua crítica teatral nas páginas do OESP a partir das colunas "A Vida Portuguesa" e "Palcos e Circos". A primeira, publicada regularmente entre os anos de 1903 a 1906 no jornal por Visconde de S. Boaventura / G.S. (correspondente do periódico em Portugal), divulga e tece pequenos comentários sobre o que se encenava em Portugal na época enquanto a segunda, publicação quase cotidiana (publicada sempre como um editorial, isto é, sem assinatura), informa aos leitores a programação das peças representadas em São Paulo (na sua maioria portuguesas ou francesas) e onde, às vezes, se percebe também algum juízo de valor. Até o momento, a análise de tais textos do OESP tem nos revelado aspectos interessantes que pretendemos discutir neste trabalho e que colaboram, certamente, para a construção da cultura nacional e para a história da literatura luso-brasileira no Pré-modernismo.

## **DIÁLOGOS DE TRADIÇÃO: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE CLARICE LISPECTOR E MACHADO DE ASSIS**

*Rodrigo Molon de Sousa (UNESP)*

À luz desta fala, busca-se analisar como, diálogos / tradições e narrativa de punho de Clarice Lispector e Machado de Assis se aproximam. Ao analisarmos esses "diálogos de tradições" vemos que as obras *A hora da estrela* e o conto *A cartomante*, dos respectivos autores, se contemplam através do elemento intertextualidade, que acaba por si só, instaurando o elemento irônico no texto clariciano. Para tanto, vamos considerar a intertextualidade como algo que transforme o texto com o qual estabelece o diálogo. Nesse sentido, a ironia presente na obra clariciano apresenta-se através da inversão de uma vasta gama de sentidos corrente, de forma que *A hora da estrela*, seja visto como algo irônico por inteiro, já que nessa obra, Clarice Lispector, inverte e subverte desde os conceitos tradicionais de gêneros literários, passando pela concepção de literatura como mimesis, até chegar à grande dúvida sobre o estatuto do autor de uma obra.

Como se trata de uma pesquisa iniciada recentemente, não temos muitos resultados obtidos, sendo assim, as idéias expostas nesta fala, será discutida com mais detalhes em minha redação final do curso de Pós-Graduação em que estou matriculado.

## **MACHADO DE ASSIS LEITOR: JORNALISMO E EXPERIÊNCIA NO FINAL DA DÉCADA DE 1870**

*Lúcia Granja (UNESP)*

Já se disse que "Machado de Assis se delicia em ser incompreendido". Se essa atitude é comum a vários dos narradores de sua ficção, ela é também procedimento narrativo do cronista. Nesse caso, a sua posição privilegiada de leitor das notícias da semana, aquele que tem a palavra final a respeito delas, à medida que as comenta no folhetim de domingo, será explorada pelo cronista em toda a sua potencialidade. Entre citações da tradição literária e cultural e comentários das notícias, os quais muito provavelmente não seriam compreendidos pelos leitores que chegassem à crônica com o espírito leve e sem gravidade que essa forma literária solicitava, Machado vai construindo seu "diálogo" dominical com um público que nem sempre poderia corresponder, à altura, à sua parte nessa "conversa". Assim sendo, focando essa análise em algumas crônicas que Machado escreveu em 1878 para *O Cruzeiro*, pretendemos estudar um fenômeno que é geral para sua obra jornalística, e generalizável para muitos momentos de sua ficção: o uso instigador e agressivo que o narrador faz de sua condição privilegiada de leitura.

## **O ARRIVISTA NO ROMANCE REALISTA FRANCÊS DO SÉCULO XIX**

*Brigitte Monique Hervot (UNESP)*

Partindo do pressuposto de que existe um traço de continuidade entre os romances realistas franceses do século XIX, o presente estudo intertextual procura acompanhar o percurso de alguns personagens famosos, todos jovens ambiciosos com vontade de vencer na vida, de modo a apontar uma estrutura narrativa comum que se baseia grosso modo na trajetória ascendente do arrivista ficcional.

## **VELHAS HISTÓRIAS, NOVOS ENFOQUES: A QUESTÃO DA SOLIDARIEDADE EM DUAS HISTÓRIAS INFANTIS**

*Miriam Giberti Pátaro Pallotta (UNIP)*

A reescrita de certas histórias pode apresentar questões bastante valorizadas pela sociedade atual. É o caso de "A galinha xadrez", de Rogério S. Trezza, e "Os três lobinhos e o porco mau", de E. Trivizas e H. Oxenbury. A partir dos originais "A galinha ruiva" e "Os três porquinhos", essas obras apresentam novas soluções para os conflitos vividos pelas suas personagens. Através

de um processo de atualização, o leitor tem a oportunidade de refletir sobre certos valores e conceitos não-presentes nas obras originais, mas que são ressaltados hoje, como a questão da solidariedade e da amizade.

## **SHAKESPEARE, MANOEL DE BARROS E SEUS ALTER-EGOS**

*Rita Maria Baltar van Der Laan (UFMS)*

Na obra Livro de Pré Coisa o personagem Bernardo aparece como alter-ego do poeta Manoel de Barros. No poema "No Templo do Andarilho" compara Bernardo a um "caramujo irrigado". Como a concha, segundo Bachelard, Bernardo é rude no seu exterior, mas é suave em seu interior. É o ser completo, o Homem por excelência. Bernardo me lembra andarilhos literários como o "Pobre Tom" em Rei Lear. Edgar, disfarçado de louco e mendigo, serve de guia ao pai cego. Glócester reconhece no mendigo louco mais nobreza e sabedoria que nos homens da sua época. O "Pobre Tom" o consola na árdua caminhada. A proposta deste trabalho é identificar nas obras de Manoel de Barros, alter-egos em andarilhos, como o Pobre Tom de Shakespeare, que enxergam além das aparências e olham o mundo sem maldade. Estes andarilhos, na obra de Barros, vivem em um "illo tempore" mítico, em completa fusão com a natureza e, com os elementos minerais e vegetais do poema, estão em constante metamorfose na poesia de Barros.